

TRANSTORNO DE ATENÇÃO: UMA QUESTÃO PRESENTE NOS DIAGNÓSTICOS, NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

Sonia Sellin BORDIN¹

RESUMO: Este artigo se preocupa com o estudo da atenção por ser esta uma questão presente nos diagnósticos da área de leitura e escrita, nas escolas e nas famílias. Inicialmente, busco compreender como esse tema é considerado no imaginário presente de professores, na queixa de pais (ou responsáveis) de crianças que foram avaliadas e/ou frequentam o CCazinho - Centro de Convivência de Linguagens - IEL/UNICAMP e na clínica fonoaudiológica. Em contrapartida será apresentado o estudo realizado por Vygotsky (1926/2004) sobre *atitude de atenção* demonstrando o percurso social, emocional e neurológico que a constitui. A hipótese considerada neste artigo é a de que na medida em que a família e a escola possam ampliar seus referenciais de atenção favorecerá na criança a sua *autorregulação*, comportamento tão necessário para que ocorra, principalmente, aprendizagem e memória.

Palavras-chave: Neurolinguística Discursiva; Atenção; Linguagem; Escola; Família.

ABSTRACT: This article concerns the study of attention because this is an issue in this diagnostic area of reading and writing in schools and families. Initially, I seek to understand how this topic is covered on parents complaints (or guardians) of children who were evaluated and / or attend the CCazinho - Center of Languages - IEL / Unicamp and speech/audiology clinics. On the other hand will be presented the study by Vygotsky's (1926/2004) about attention attitude demonstrated on social causes, emotional and neurological. The hypothesis here is that if the family and the school expand its attention's references, child will develop its sense of self-regulation, behavior necessary to occur, especially, learning and memory.

Keywords: Discursive Neurolinguistics; Attention; Language; School; Family.

1. A atenção vista pela família e pela escola

Esse artigo trata do tema *atenção* por ser esta uma questão que frequentemente está em pauta na escola, na família e em diagnósticos da área de leitura e de escrita. O estudo da *atenção* se insere na tese que realizo à luz da Neurolinguística Discursiva a partir do acompanhamento de crianças com problemas de fala, leitura e escrita tanto no Centro de Convivências de Linguagens - CCazinho/ IEL/ UNICAMP - quanto na minha vivência clínica fonoaudiológica.

¹ Doutoranda em Linguística na área de Neurolinguística Discursiva, sob orientação da Prof. Dra Maria Irma Hadler Coudry, tendo como objeto de estudo o Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho), vinculado ao Instituto de Estudos de Linguagem – UNICAMP.

O Centro de Convivência de Linguagens – CCazinho - foi criado em 2004 pela Profa Dra Maria Irma Hadler Coudry (IEL/ UNICAMP) com o objetivo de acompanhar crianças e jovens com problemas na área de fala, leitura e escrita que, por vezes, são apresentadas como portadoras de diferentes diagnósticos, tais como: Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade, Dislexia, Dificuldade de Leitura e Escrita, Distúrbio de Aprendizagem, entre outros. O principal objetivo deste centro, lugar de pesquisa e acompanhamento de crianças e jovens, é o de levar essas crianças a conhecer seus próprios processos de leitura e escrita a partir do contexto histórico, social e cultural que permeiam tais processos. O acompanhamento dessas crianças e jovens acontece sob a perspectiva teórica da Neurolinguística Discursiva (ND) que privilegia o processo de *avaliação, acompanhamento e intervenção* em abordagem discursiva nas mais diversas situações e configurações de uso lingüístico-cognitivo, tais como: diálogo, narrativas, comentários, conversação livre ou dirigida, atividades de escrita (Coudry, 2007). Do trabalho com crianças/jovens faz parte a relação com a família que se dá através de encontros semanais em que são tematizados os processos de leitura e escrita dos filhos e dos pais (ou responsável).

Os primeiros contatos com os pais das crianças que participam do CCazinho são realizados por ocasião da entrevista inicial e o procedimento da clínica em nada difere disso. Em ambas as situações são compreendidas como “queixa” a parte da conversa em que os pais evidenciam o problema apresentado pelos filhos. Por se tratar da área de leitura e escrita, além dos pais e das crianças/jovens, o contato com o professor, também é realizado por meio de visitas à escola, por exemplo.

Observando-se o que os pais apresentam nessas entrevistas e os professores contam sobre esses seus alunos, percebe-se que a expressão “*falta de atenção*” é, nessas ocasiões, referência constante. Os diagnósticos de Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade (TDA/H), Dislexia, Distúrbio de Aprendizagem e Transtorno Desafiador de Oposição são algumas referências possíveis de patologia ou transtorno que afetam a área de leitura e escrita e incluem a incapacidade atencional de uma criança (jovem e adulto) como sintoma.

O Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade (TDA/H), dentre os diagnósticos apresentados acima, tem a descrição clínica que mais valoriza a questão da atenção e desatenção entre seus critérios, sendo por isso descrita aqui. Contudo, o presente estudo não se restringirá a essa patologia ou às outras citadas anteriormente devido à

constatação de que os termos “desatenção” e “hiperatividade” caíram no uso comum da linguagem, assumindo diferentes significações muitas vezes desvinculadas da definição original desses transtornos.

O Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade (TDAH) é explicado pela presença da tríade *desatenção, hiperatividade e impulsividade*. A desatenção pode ser identificada pela dificuldade de prestar atenção a detalhes; dificuldade para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas; parecer não escutar quando lhe dirigem a palavra; não seguir instruções e não terminar tarefas escolares, domésticas ou deveres profissionais; entre outras. Por hiperatividade entende-se a presença frequente do agitar as mãos ou os pés ou se remexer na cadeira; abandonar sua cadeira em sala de aula ou outras situações nas quais se espera que permaneça sentado; dificuldade em brincar ou envolver-se silenciosamente; entre outras. A impulsividade mantém sintomas como frequentemente dar respostas precipitadas antes das perguntas terem sido concluídas, ter muita dificuldade em esperar a sua vez, entre outros. O diagnóstico do TDA/H se sustenta em relação à presença da tríade ainda que a intensidade de cada um de seus elementos sofra variações de criança para criança (uma criança pode ser mais impulsiva, não ser tão hiperativa, e ser muito desatenta, por exemplo) e no fato de que este transtorno surge na criança antes dos sete anos de idade (DSM-IV-TR, 2000).

A incidência do Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade do DSM-IV-TR (2000) e da Associação Brasileira do Déficit de Atenção está entre 3 a 5%. Guardiola et al (1998) traz o índice de 3 a 10%. Todas essas indicações apontam uma prevalência maior desse transtorno entre os meninos.

Formulada a definição desse tipo de Transtorno, passemos agora à leitura de diferentes relatos de pais e professores em que a questão da atenção se apresenta fortemente.

O pai de uma criança de oito anos fala sobre o filho que tem o diagnóstico de Transtorno e Déficit de Atenção: “Ele não presta atenção em nada, só quer brincar. A mãe dele o chama dez vezes para tomar banho e ele não escuta, mas nos finais de semana, se deixar, ele fica jogando videogame por até 8 horas seguidas”.

Outra mãe se queixa de que a escola (particular) reclama muito da falta de atenção de M., sua filha de 12 anos. Essa menina recebeu o diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção e toma medicamento para regular seu tempo de atenção. A mãe completa a queixa dizendo que ela própria reconhece que a filha é muito desatenta. A mãe segue contando que chama por M. a tarde inteira para fazer a lição e, quando ela atende seu pedido, não presta

atenção no que está escrevendo ou lendo. Quando pergunto para a menina o que ela faz durante seu dia, especialmente, na parte da tarde, já que pela manhã vai à escola, ela me diz que assiste de 7 a 8 horas de televisão por dia, adora ver filmes e novelas. Pergunto se ela se lembra sobre o que vê na televisão, ou seja, a história do filme, ou o capítulo da novela. E quando M. começa a responder, sua mãe a interrompe dizendo “Ela sabe tudo, me conta todos os filmes que assiste e minhas irmãs e amigas, quando perdem algum capítulo de novela ou dormem no fim de um filme, ligam em casa e falam com ela. É muito difícil ela não saber o que aconteceu”. Pergunto para M. que horas ela dorme e ela me informa que quase nunca vai dormir antes da meia-noite, uma hora da manhã.

O último caso que retrato aqui é sobre um menino de 10 anos que vai sozinho para a escola (pública) porque os pais saem de casa para trabalhar antes dele, por isso, tem a chave de sua casa. Ele volta da escola sozinho, esquenta seu almoço no microondas e à tarde faz a lição de casa antes de brincar. Os pais voltam do trabalho no fim da tarde. A reclamação do pai, que se mostrou um tanto contrariado enquanto falava, é a de que ele e sua esposa sempre pedem duas ou três coisas para o filho fazer, como por exemplo, dobrar a roupa, tirar o lixo da cozinha ou guardar seus sapatos, mas ele sempre se esquece de fazer. Faz uma coisa hoje, outra amanhã. Os pais se dizem muito preocupados com este filho, único, porque “*este menino está muito esquecido*”.

Por meio desses relatos, podemos perceber como algumas famílias podem formular queixas sobre a falta de atenção de seus filhos. Somado a esses discursos, vamos observar como a escola se manifesta em relação a isso a partir da fala de duas professoras: “Agora tudo é desatenção ou falta de atenção, tudo é Transtorno e Déficit de Atenção. Eles (os alunos) só prestam atenção no que querem e isso nunca é a matéria que estou dando”. Outra professora completa “parece que todo “mal” comportamento de um aluno está relacionado à hiperatividade. E isso não é bem assim. Nem dá para comparar um aluno hiperativo e um “mal comportado”, “mal educado”. Não se fala mais em falta de educação, mas em falta de atenção e hiperatividade”.

Nos breves relatos de pais e professores, comumente encontrados, as crianças do primeiro e segundo relato não têm atenção para fazer a lição de casa, mas para fazer o que gosta quando demonstram atenção, memória e aprendizagem. Além disso, há um desarranjo na rotina da segunda criança que inclui seus horários e tempo de descanso. No terceiro relato é possível perceber que quanto mais o pai se queixa da atenção do filho, mais se evidencia a

capacidade de atenção, a independência e organização do menino e o alto grau de exigência dos pais.

Assim, confere-se facilmente que em nenhum deles verifica-se a descrição (presença da tríade e surgimento do comportamento de desatenção quando a criança era bebê) do quadro de TDA/H cujas características foram citadas acima. Nota-se, ainda, um equívoco sobre o que demonstram entender por *atenção* e *falta de atenção*.

Entender melhor a atenção a partir do imaginário presente na queixa de pais e responsáveis de crianças que foram avaliadas e/ou frequentam o CCazinho e a clínica, conforme dito anteriormente, me levou a observar a fala de pais e responsáveis (cerca 15) de crianças (idade entre oito e dez anos) e seis professores do ensino fundamental em que o comportamento alinhado com manter a atenção é o de ficar quieto; há a ideia de que a atenção não é algo aprendido, mas apenas biologicamente determinada ou vista como espelho da personalidade da criança; muitas vezes os pais costumam nomear como *falta de atenção* o que descrevem como desinteresse e talvez por este motivo quando falam em desatenção, acabam, quase sempre, associando o comportamento da criança a malandragem, realçando sua esperteza em prestar atenção em coisas (videogame, televisão etc) que nada tem a ver com a escola; há também uma confusão no uso dos termos “falta de atenção” e “hiperatividade”, comumente tomados como sinônimos daquilo que não são: por “falta de atenção” busca-se descrever a situação de uma criança que não fixa a sua atenção por um tempo suficiente em alguma coisa para que ocorra algum tipo de aprendizagem, memória, ainda, que seja uma criança quieta; por “hiperatividade” entende-se a atitude de agitação de uma criança que passa do curto interesse de uma coisa a outra sem se fixar em nenhuma delas, nesses casos parece que há um excesso de atenção. Além dessas observações, somam-se outras: são referidos pelos pais os comportamentos desatentos de seus filhos apenas a partir de sua entrada na escola, raramente encontram-se referências do comportamento desta criança quando era um bebê, por exemplo; em relação à escola o fato de um aluno ganhar o rótulo de “desatento” ou “hiperativo” – parece que acaba por modificar a relação que o professor mantém com essa criança.

Nesse trabalho de observação, apenas duas famílias traziam na queixa o problema de atenção da criança antes de ela entrar na escola. No primeiro caso, trata-se de um menino de 10 anos que sofre convulsões neurológicas desde bebê e, no segundo caso, um menino de 11 anos, portador de distúrbio psiquiátrico identificado quando contava com três anos de idade.

Diante dessas observações, a hipótese da Neurolinguística Discursiva (ND) é a de que, na medida em que a criança, a família e a escola entendem o percurso social, emocional e neurológico que constituem a *atenção*, favorecerá na criança a sua *autorregulação*, comportamento tão necessário, segundo Vygotsky (1934/1979), para que ocorra aprendizagem e memória.

1.1 Entendendo a atenção como um processo

É principalmente a partir dos estudos discursivamente orientados que a ND busca compreender com Vygotsky (1926/2004) e Luria (1981) que a criança se move pela sua motivação e expectativas que alteram sua atitude de atenção. Para Vygotsky, a *Atitude de atenção* deve ser entendida como um sistema de reações de atitude, ou seja, reações preparatórias do organismo que colocam o corpo na devida posição e no devido estado que o preparam para a atividade a ser desenvolvida. Para isso precisam ser considerados: a existência do estímulo do impulso (impressão interna, ou externa, uma palavra não pronunciada, um desejo, uma emoção); elaboração central desse impulso, ou seja, a forma assumida por estas reações na relação com o sistema nervoso central; e, o efeito responsivo. Todas as reações de atitudes e a sua medida (mais intensa, menos intensa) variam de acordo com a singularidade do sujeito em função do sexo, idade, habilidades e experiências emocionais.

Para Vygotsky e Luria (1988), o cérebro, órgão biológico do corpo humano, se estrutura de acordo com o materialismo histórico e dialético de Marx e Engels e a partir das relações históricas culturais que o homem constrói no domínio da natureza e na sociedade em que vive (onto e filogeneticamente) (Vygotsky, 1979). A linguagem propiciou a *superção* (e não extinção) das funções elementares, reguladas por processos biológicos, para as funções psicológicas superiores, o que envolve a percepção, *atenção*, memória, raciocínio intelectual e a constituição da criança como sujeito social. Esses autores têm em comum a noção cerebral de que diferentes regiões (motora, auditiva, visual, cinestésica) estão sob a regência funcional, holística, plástica e dinâmica do cérebro como um todo. Assim, diante de funções complexas como a escrita e a leitura, o cérebro atua como um todo, ativando mais umas áreas e menos outras.

Portanto, atenção e linguagem mantêm entre si uma estreita e fundamental relação (função psíquica superior) e disso advém a importância em conhecer o que os pais e

professores falam sobre a atenção dos filhos e alunos, como lidam com esta questão que é biológica e também social.

Em 1926, Vygotsky (1926/2004) se preocupa com a *atenção* porque acredita que se a Pedagogia entender o que é e como funciona o processo de atenção, fará melhor uso dela em sala de aula. Este autor inicia sua investigação em relação ao processo de atenção, usando um critério de resposta motora e conclui que, no humano, até os mais leves atos de atenção são acompanhados de mudanças da curva de pulsação e de respiração; e essas ativações motoras representam apenas parte da questão da atenção porque a outra parte é a suspensão da reação e inibição. Então, “do ponto de vista motor a atenção se caracteriza por movimentos adaptativos internos e externos e pela inibição de toda a atividade restante do organismo” (Vygotsky, 2004, p. 150).

Seguindo com este autor, a *atenção* se transforma em *atitude de atenção* para manter a ideia, como acabamos de ver, de um processo que se inicia muito antes da reação de atenção. Entendendo isso, podemos considerar a *durabilidade* dessa atitude de atenção, como sendo: instável, movediça e oscilante.

Vygotsky baseia seu estudo sobre atenção nas pesquisas realizadas por Pavlov (década de 1920) sobre reflexos voluntários e involuntários e analisa o que acontece cerebralmente com a atitude de atenção como sendo similar à do reflexo, classificando ambos os processos como de natureza rítmica.

De acordo com esse estudo, a duração da atitude de atenção se dá em intervalo de tempo muito insignificante, considerando-se como tempo relevante a marca de alguns poucos minutos, e imediatamente depois desse tempo começa a ocorrer uma espécie de oscilação rítmica. Vygotsky explica que a atitude de atenção “se processa como que por impulsos com intervalos, por linhas pontilhadas e não linha compacta, regulando as nossas reações por impulsos e deixando que elas aconteçam por inércia em intervalos entre um e outro impulso” (op cit, p. 153).

Sabe-se agora que é a partir do *ritmo de atenção* que percebemos todos os acontecimentos externos de forma independente da realidade desses acontecimentos: é o *ritmo de atenção* que permite que a nossa percepção de mundo seja organizada e não caótica como de fato o mundo se apresenta.

Imagine que estamos atravessando a rua, percebemos o carro vindo e paramos a tempo de evitar um acidente: nesta situação, tivemos atenção suficiente para calcularmos o tempo

que levaríamos para atravessar a rua em relação à velocidade do carro vindo e concluir que não seria suficiente, além disso, percebemos o carro como figura em um cenário de fundo composto da via pública, prédios, pessoas, barulho, cheiro do pão assado vindo da padaria próxima, por exemplo. Percepções que também requerem atenção, mas, neste contexto, de forma menos intensa do que a atenção necessária para atravessar a rua. Vamos supor agora a situação em que uma criança que não prestou atenção no carro vindo porque se distraiu com alguém que estava passando, ou seja, não fez a seleção da figura e fundo adequada; ou ainda, porque não costuma sair sozinho na rua e não sabe sobre os cuidados necessários para atravessar a rua. Nesses casos, alguns segundos seriam suficientes para acontecer o acidente.

A atitude de atenção pode ser interna (arbitrária) ou externa (não arbitrária). Compreende - se por *atenção não arbitrária* quando reajo em função de um estímulo externo que se impõe a mim. A causa não está no meu organismo, mas fora dele, na força inesperada que domina todo o campo livre de atenção que desloca e inibe as outras reações. Um exemplo disso é quando se está andando tranquilo pela rua e um cachorro grande e com dentes afiados surge do nada, latindo e correndo em nossa direção. A *atenção arbitrária* se dá quando está voltada para dentro do organismo, não no sentido visceral, mas no da própria vivência, atitude ou pensamento. Um exemplo disso seria o da situação em que queremos ler determinado livro, ou assistir a um filme e nos preparamos para fazer isso. Essa preparação no sentido do desejo ou da necessidade é o que nos coloca organicamente em uma atitude de atenção.

Pode-se imaginar que a atitude de atenção interna (arbitrária) ou externa (não arbitrária) constituem-se como diferentes atitudes de atenção. Mas, isso é um engano. Em ambas existem as mesmas reações somáticas de pulsação, respiração, contenção de atividade; a única diferença é que os órgãos externos no caso da *atenção arbitrária* não precisam se adaptar tanto quanto na *não arbitrária* quando a percepção do que está acontecendo ainda não se deu. No caso do sobressalto pelo latido do cachorro (atitude não arbitrária imposta a mim) ocupa-se mais do uso de olho (órgão externo) em olhar tudo em volta, além de as reações motoras se darem com mais intensidade se preparando para sair em fuga da situação.

Em relação à atitude interna, arbitrária, um exemplo é o caso do bebê, que alimentado nas primeiras vezes pela mãe, quando ainda não tem fome, apresenta um conjunto de atitude de atenção que ativam diferentes reações em seu corpo; em outra situação quando ele está com fome a atenção a essas reações são ativadas na espera da comida; assim, um acontecimento externo - a mãe dar o alimento em intervalos quando ele ainda não esperava

pelo alimento - torna-se atitude interna e se subordina ao estímulo interno. Seguindo essa lógica pode-se pensar também que em dado momento podemos nos assustar com um cachorro que late quando passamos frente a ele, e em outro momento podemos esperar pelo latido do cachorro quando estamos nos aproximando dele, e ainda estranhar caso isso não aconteça.

Assim, o propósito é mostrar que a variação apontada dentre os tipos de atenção ocorre em função da singularidade das experiências do sujeito e acaba por dar a dimensão social desse processo que se inicia no reflexo e se singulariza no social e na cultura, dito de outra forma: a atitude de atenção pressupõe aprendizagem neuronal, psíquica e social nos intervalos rítmicos que ela se apresenta.

De forma resumida, pode-se dizer que os diferentes tipos de atenção - auditiva, visual, tátil - se constituem como funções psicológicas superiores e interferem em outras dessas funções como a memória, a linguagem, a atenção seletiva. Esses diferentes sistemas neurofuncionais vão se estruturando desde antes de a criança nascer e se inter-relacionando continuamente após o seu nascimento, quando esta criança se constitui como importante para alguém e por isso é inserida no mundo social.

Por que falamos que mesmo a memória da criança se inicia antes de a criança nascer? Além do fato dos acontecimentos sociais e históricos que constituíram o mundo em que ela se encontra, também pelas histórias que contamos a ela sobre a sua gestação, sobre os primeiros meses de sua vida, que ela repetirá mesmo sem se dar conta de que não é possível conferir se foi assim mesmo que aconteceu. Dessa perspectiva, o prestar atenção em algo não é um acontecimento que ocorre de uma hora para outra. Há sobre isso um efeito de continuidade que uma criança vai experimentando através das relações com os pais, irmãos, com os grupos sociais que faz parte e com a cultura.

Na nossa cultura é um indicador da atenção da criança o tempo que consegue permanecer em frente à televisão, em contrapartida, o tempo que essa mesma criança consegue esperar para ser atendido em algum pedido seu, não é. Outro indicador de que a atenção e memória são uma atividade mental, neurológica e social que começa a ser desenvolvida antes de a criança nascer são estudos indicando que a criança quando nasce já conhece algumas vozes, especialmente a da mãe, que estiveram perto dela no período gestacional (Mabille, 1990).

Vimos, então, que a atenção tem durabilidade rítmica que se dá de forma pontilhada e não contínua e a esse intervalo entre os pontilhados dá-se o nome de *distração*: o processo de

atenção implica, então, a distração. Vygotsky explica que ser atento a alguma coisa pressupõe necessariamente ser “distraído em relação a tudo o demais (...) quanto maior é a força da atenção tanto maior é força da distração (...) do ponto de vista científico, será mais correto falar não na educação da atenção e da luta com a distração, mas de uma educação correta e simultânea de ambas” (op cit. p, 158).

Do ponto de vista biológico, menos de 0,01% das reações de atitude de atenção se mantêm inatas, todas as demais são modificadas pela adaptação do homem ao meio responsável por levar o organismo para um estado preparatório de antecipação. A atenção é a mais importante função de proteção do homem e para isso desenvolve uma complexidade incomum devido suas participações nas mais diferentes atividades humanas. Surge por isso a necessidade da administração do próprio organismo sobre seu comportamento.

Da mesma maneira que a atenção faz a proteção do homem, também o coloca em risco, porque quando prepara o organismo para algo, o desmobiliza para todo o resto. Biologicamente, seu funcionamento ocorre no ritmo de ativar e repousar, passar rapidamente de uma ação organizadora para outra em todos os aspectos do comportamento humano.

O ritmo não pode ser entendido como principio de abreviação, mas de alongamento da atenção, porque ao saturar e seccionar o trabalho de atenção com instantes de suspensão e repouso lhe conserva e apóia a energia durante um lapso de tempo máximo (...) a atenção funciona com explosões mantendo a força do impulso de uma explosão a outra. Assim, o ato de atenção deve ser entendido como um ato que se auto-destrói constantemente e torna a surgir, que se extingue e entra em autocombustão a todo instante (Vygotsky, 2004, p. 160).

1.2 Atitude de Atenção: comportamento social aprendido

Os pressupostos vygotksyanos esclarecem que *educar* significa unir a linha do interesse da criança com o que deve ser apreendido por ela, unindo esses dois extremos em um todo único. Interferir nas inclinações naturais da criança, levar esses dois pontos a chocarem-se entre si introduz essas crianças no curso organizativo e formal do meio educativo-social. O que não se pode fazer é evitar contrariedade a qualquer custo, mas antes de obrigar a criança a agir, preparar a ação; antes de suscitar uma coisa nova, suscitar a expectativa do novo: para o aluno a atitude de atenção se revela antes de tudo como certa expectativa da atividade a ser desenvolvida.

O sentido da expectativa é o que antecipa um estado de atenção e gera as reações para o trabalho subsequente e pode ser classificada em: 1- reação natural – são nossas reações mais

comuns que tem um tempo natural de acontecimento e que vai se constituindo como uma parte do nosso temperamento e caráter: maneira de falar, andar, ritmo de gesticulação; 2- a instrução prévia provocando nova atitude; 3- instrução prévia e atitude de natureza diametralmente oposta. Vygotsky faz uso dessa análise para mostrar que *o tempo, a força e a forma* de uma expectativa geram diferenças nas atitudes de atenção possíveis.

Note-se que o que acaba de ser exposto põe a importância da expectativa no centro da atitude de atenção de crianças de qualquer idade em qualquer ambiente, seja na escola, em casa, em uma atividade lúdica. Contudo, observa-se uma mudança na estrutura do funcionamento familiar e escolar, que não incentiva muito a formação de expectativa na criança. Isso pode ser visto em situações muito simples, como por exemplo, na compra de presentes para crianças. Atualmente, as crianças de diferentes classes sociais ganham “presentes” o ano todo, os ovos de chocolates estão no supermercado no dia seguinte ao carnaval, os presentes de aniversários muitas vezes são antecipados porque ao se aproveitar de uma promoção, o adulto não conseguiu não presentear a criança esperando o momento certo para isso. As crianças e jovens ganham presentes sem motivos, presentes que não pediram. Em meio a isso tudo, não se consegue conhecer direito o interesse da criança e, por consequência, não dá para saber o que lhe provoca expectativa.

Na escola, acontece o mesmo e Vygotsky considera que a atenção infantil é dirigida exclusivamente pelo interesse da criança e, no ambiente escolar, a “(...) causa natural da distração da criança é sempre a falta de coincidência de duas linhas na questão pedagógica: do interesse propriamente dito e daquelas ocupações que são propostas como obrigatórias” (op cit, p. 162).

Para este autor, pedagogicamente é necessário que a aula não seja longa, o professor não deve falar muito, o material deve ser exposto e organizado pela sua parte mais importante de acordo com o ritmo da atenção. O professor deve controlar os estímulos externos como sendo favoráveis ao conteúdo em questão. Tudo isso deve ser feito para o aluno aprender a controlar a sua própria atenção. Colidindo com essa idéia, uma professora conta que em suas aulas mantém a mesma organização porque os alunos já sabem como proceder: primeiro eles pegam os cadernos, abrem os livros, leem o que está determinado para o dia, e, então, ela vai até a lousa e escreve o que considera importante para a discussão sobre o material lido. A queixa dessa professora é a de que sempre os mesmos alunos participam da discussão, alguns chegam a dormir e outros ficam falando o que atrapalha a aula. Analisando a aula da

professora, percebe-se que a atenção do aluno não é considerada e, no lugar disso, parece existir uma preocupação apenas com a (in)disciplina da classe.

Vygostky chama a atenção ainda para um fato muito importante quando estabelece uma relação entre atenção e hábito, dizendo que onde se erradica o hábito desaparece a atenção. Dessa maneira, a atenção interrompe o seu trabalho tão logo o comportamento se torna habitual e isso se deve à intensificação de sua natureza ativa e não à sua debilidade. Esse fenômeno é a exceção da regra de que a atenção em determinada coisa inibe o fluxo de reações externas. Explicando, o que parece controverso ao que está sendo exposto até agora, trata-se de situações que envolvem as ações habituais, os atos automáticos. No dia a dia, enquanto pensamos em outra coisa, escovamos os dentes sem prestar atenção nos movimentos que fazemos para pegar a escova, por a pasta na escova, por a tampa de volta na pasta, abrir a torneira e, enfim, escovar os dentes. Mas nem sempre foi assim. Um dia tivemos que aprender a fazer cada uma dessas ações que hoje não se reconhece mais porque foram automatizadas. O mesmo acontece com dirigir um carro. Nesses casos, acontecem um conjunto de atitudes simultâneas em que uma é dominante e as outras subordinadas, na sala de aula se dá o mesmo: só se pode prestar a atenção em alguma coisa quando as estimulações que distraem estiverem subordinadas ao assunto principal.

O aluno precisa aprender a dominar sua atenção e isso fica mais favorecido quando o assunto/conteúdo discutido/proposto se mostra mais interessante do que o passarinho piando, a freada de carro lá fora, a conversa de algum colega. O que não quer dizer que a lei do silêncio deva imperar. É preciso manter ativado algum canal de percepção que transporte a participação de nossa experiência anterior na formação da experiência atual porque ela permite que o pensamento siga por uma via entre uma infinidade de vias existentes. Essa idéia é condizente com a noção de Vygostky de aprendizagem que se realiza em espiral: para aprender alguma coisa nova passamos sempre pelo antigo. Isso porque este autor entende “que o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado. Não vemos simplesmente algo redondo e preto com dois ponteiros: vemos um relógio e podemos distinguir um ponteiro do outro” (op cit, p, 44).

Essas observações sugerem que toda percepção humana consiste em percepções categorizadas, o que seria impossível sem a participação também da atenção.

REFERÊNCIAS

ABDA - **Associação Brasileira do Déficit de Atenção**. Disponível em <http://www.tdah.org.br/oque01.php>. Acesso em 19 de setembro de 2007

COUDRY, M. I. H. Patologia estabelecida e vivências com o escrito: o que será que dá? In: **Anais do 7º Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: CD-ROM, 2007.

DSM-IV-TR. (2000) **Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Disponível em: www.datasus.gov.br/cid/10/v2008/cid10.htm Acesso em 20 janeiro de 2008.

GUARDIOLA, A F. et al. Associação entre desempenho das funções corticais e alfabetização em uma amostra em escolares de primeira série de Porto Alegre. **Arquivo de neuro-psiquiatria**, v.56, n. 2, 1998, p. 281-288.

LURIA, A R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. São Paulo: EDUSP, 1981.

MABILLE, V. **Como despertar para nossos filhos**. Lisboa: Contexto, 1990.

VYGOTSKY, L S. A psicologia e a pedagogia da atenção. In. _____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1926].

_____. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1979 [1934].

LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In.: VYGOTSKY, L S.; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988, p. 143-189.